



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS  
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS  
MESTRADO INTERDISCIPLINAR - PERFORMANCES CULTURAIS

**CÍRCULO DE CULTURA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM UMA  
ASSOCIAÇÃO DE IDOSOS: LEITURAS DE MUNDO, PERFORMANCES E  
MEMÓRIAS**

Projeto apresentado por Joana Dark  
Leite à disciplina de seminário II ao  
prof. Dr. Paulo Pretronílio. Orientador:  
prof. Dr. Márcio Penna Corte Real.

GOIÂNIA – GOIÁS  
MARÇO, 2016

## **Tema - Círculo de cultura de contação de histórias em uma associação de idosos: leituras de mundo, performances e memórias**

Área de concentração - Performances Culturais

1- Linha de pesquisa- Teorias e Práticas da Performance.

### **2- Era uma vez ... a ressignificação de leituras de mundo**

A proposta deste estudo visa a entender contação de histórias como um processo de análise de ressignificação de leituras de mundo dos participantes de uma associação de idosos. A associação escolhida para este estudo denomina-se Associação dos Idosos do Brasil (AIB). Fundada em 1989, esta Associação se constitui juridicamente como uma entidade não governamental - ONG. Sediada em Goiânia-Goiás desenvolve atividades de coordenação, promoção e participação que propiciam a conquista de uma política social para a terceira idade, na qual objetivo principal é “trabalhar em prol da melhor qualidade de vida da pessoa idosa”.<sup>1</sup>

No ambiente da associação de idosos, em momentos propostos para a contação de histórias, analisaremos as performances narrativas por meio do círculo de cultura de contação de histórias a partir do contexto histórico, cultural e social dos idosos. Para fins da análise das performances culturais e questões dos dramas sociais a princípio seguiremos com as análises dos autores: Schechner (1992, 2011) e Victor Turner (1992, 2013). As lembranças e histórias evidenciadas na fala dos idosos durante os momentos de contação serão abordadas teoricamente assim como consideram Ecléa Bosi (1994) e Simone de Beauvoir (1970).

Neste estudo, entendemos a leitura não somente como aquela relacionada ao texto escrito e aos seus diversos gêneros, mas também aquela relacionada à interpretação e reflexão crítica dos processos existenciais humanos, ou seja, “leitura de mundo”. Nesse sentido, FREIRE (1989) nos ensina: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.aibgyn.com.br/Home/Instituicao>>

continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. Apoiaremos em Freire (1987, 1988, 1989) para trabalhar o círculo de cultura de contação de histórias. Discutiremos sobre o círculo de cultura, mas à frente.

A contação de histórias é um dos recursos da oralidade humana e nesse sentido se constituiu para muito além de uma arte milenar: tornou-se uma ferramenta de transmissão de experiências sociais, culturais e históricas dos povos no mundo. A partir desta premissa, podemos dizer que a contação de histórias vai além do ato de contar e ouvir: ela é transmissora de conhecimentos, das práticas culturais e sociais. O referencial teórico usado para o estudo e análise da contação de histórias, que trata a relação do ato de contar com as performances narrativas será a partir de Hartmann (2000; 2004; 2011), Machado (2004), Benjamin (2012), Matos (2005), Moraes & Gomes (2012), Galvão (2001).

Neste caminho, o processo investigativo tem ganhado contornos ao dirigirmos nossa atenção para a contação de histórias, como uma possibilidade de pensarmos a resignificação de leituras de mundo. Muitas questões poderiam ser associadas à contação de histórias, mas o que se apresenta de forma instigante é: a vivência coletiva de círculos de cultura de contação de histórias em uma associação de idosos pode contribuir para a resignificação das suas leituras de mundo na medida em que o narrador idoso, talvez, venha perdendo seu espaço na atual configuração da vida em sociedade?

São esses conhecimentos, práticas culturais e sociais e a possibilidade de resignificação dos mesmos que esse projeto busca examinar. Por meio das performances, das memórias e das leituras de mundo recorrendo aos momentos de contação de histórias entre os idosos. Diante dessas questões é necessário repensar a sociedade que muitas vezes age de forma opressora, ofuscando os conhecimentos do idoso.

Justamente porque perante a sociedade o velho não tem valor significativo, produtivo e muito menos cultural; Bosi (1994) nos diz que “a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor” (p.77). Dessa forma, ao mesmo tempo tentamos trazer vozes a essas pessoas, tentamos representá-los como aponta Chauí (1994) “o velho não tem arma. Nós é que temos que lutar por eles” (p.18).

Nessa pesquisa, ponderaremos primeiro: por que contar histórias com idosos? Apresentando reflexões sociais sobre as representações e vivências ativas que ajudam a definir e visualizar novos rumos de reconhecimento dos idosos e de pesquisa sobre o assunto. Esses novos rumos são importantes para a ressignificação dos idosos como produtores culturais a partir de suas leituras de mundo. Em segundo, refletiremos sobre o ato de contar e ouvir – referenciação teórica, analisando se a contação de histórias poderá ser considerada como ferramenta para formação crítica-reflexiva do narrador idoso; o terceiro momento: eu conto – eles contam: círculo de cultura de contação de histórias, a história contada é o tema gerador de outras histórias, tem se apresentado como um desafio de análise para a pesquisa.

### **3- Por que contar histórias com idosos?**

O ambiente de pesquisa escolhido é uma Associação de idosos, que há 27 anos realiza o trabalho com idosos. Esse ambiente é um ponto de encontro de pessoas, que podem escolher diversas atividades a serem realizadas. Essas atividades são previamente planejadas pela diretoria e fixadas em um mural. Além da escolha de uma atividade que são realizadas em conjunto, os participantes também realizam refeições como café da manhã, almoço e lanche. No final da tarde retornam para suas casas.

Diante do encontro com diversas atividades, com pessoas da mesma idade poderemos considerar como uma possibilidade de “transformação da experiência vivida” (GEERTZ, 1997). Sempre dentro das programações das atividades encontram-se atividades como: folia, pamonhada, festa junina, bailes, ateliê de fiandeiras, de tapetes. De alguma forma esses momentos foram um dia vivenciados individualmente com seus grupos familiares, cada um de sua maneira, forma e concepção. Os participantes da associação podem reviver, reconstruir e reorganizar esses momentos de práticas culturais em grupo, ou seja, na associação.

Dessa forma, esse projeto se justifica porque a associação é um lugar onde os participantes são considerados, valorizados e realizam diferentes ocupações. Podemos pensar que é como um reduto com possibilidades de manifestações ativas

e ocupações entre homens – mulheres / velhos (as) que muitas vezes perante a sociedade passam despercebidas.

Exatamente porque há alguns pensamentos no seio da sociedade que, “o velho é alguém que se retrai de seu lugar social e este encolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos” (BOSI, 1994 p. 83). A partir dessas realidades, Beauvoir (1970) diz que “a velhice é uma realidade trans-histórica” diferentes épocas, sociedades e países olham para o lugar que o velho ocupa (ou) na sociedade. Diante disso, na nossa sociedade observamos uma retração do velho. O que notamos na Associação, é justamente o contrario - uma atração pela vida, ou, um desafio contra o refugo social como artimanhas para restituir o seu valor. Por isso há uma relevância no projeto em perceber o lugar que o velho ocupa na sociedade.

Destarte, ao mesmo tempo tentamos trazer vozes a essas pessoas, tentamos representá-los como aponta Chauí (1994) “o velho não tem arma. Nós é que temos que lutar por eles” (p.18). Precisamente porque, sobre o objeto escolhido verificou-se que há poucas pesquisas a partir do tema: contação de histórias com idosos, refletindo sobre a ressignificação leituras de mundo.

A pesquisa também se justifica, por conseguinte, pelo fato da pesquisadora ser uma educadora-educanda contadora de histórias que conta histórias junto com os participantes. O envolvimento com as histórias, com o ato de contar e com pessoas idosas se deu na infância a partir dos momentos encantadores de contação de histórias realizados pela avó Dita. Figura importante para todo o desenrolar criativo-narrativo de reflexões-críticas sobre os momentos narrativos.

Assim, temos desenvolvido um percurso de investigação-ação que se dá a partir da ação de contar histórias no círculo de cultura. Pois, para ouvir as histórias dos participantes da associação de idosos conta-se uma história, na qual a participação da educadora-contadora de histórias é partilhada com os participantes do círculo de cultura. Assim, percebemos uma relevância acadêmica para os estudos, contribuições, reflexões e a própria produção do conhecimento do campo das performances culturais.

#### **4- Objetivos**

- Objetivo geral:

Compreender se a contação de histórias pode ser uma forma de ressignificação das leituras de mundo por meios das vivências dos membros da Associação de idosos.

Objetivos específicos:

- Analisar se a da contação de histórias poderá ser uma ferramenta para dinamização de suas memórias e ressignificação de mundo;
- Refletir com os idosos os momentos vivenciados de contação de histórias na Associação de Idosos;
- Analisar possibilidades de contação de histórias dentro da Associação e em outros lugares.

#### **5 - O ato de contar e ouvir – Referenciação teórica**

A contação de histórias é uma prática cultural da oralidade usada pela humanidade em todas as épocas como retransmissora de experiências sociais, culturais e históricas. Dessa maneira a contação de histórias pode ser considerada ferramenta para formação crítica-reflexiva, pois, vai além do ato de contar e ouvir,

“quem sabe ouvir uma história sabe contar histórias. Quem ouve histórias, sendo estimulado a compreendê-las, excita também a capacidade de criar e contar histórias, sentindo-se quem sabe, motivado a fazer histórias” (DESGRANGES, 2011, p. 23) .

Nesse sentido, o ato de contar e ouvir são um dos desafios da contação de histórias nesse projeto. A partir do ato de contar analisaremos os estímulos que os idosos receberão para reinventar e ressignificar o seu mundo e suas práticas culturais. Dawsey (2005) diz que Turner traz uma importante análise sobre o processo social da ressignificação junto com Dilthey e Dewey. Ou seja, há na atualidade uma “intensificação da crise para ressignificar o mundo. Trata-se de uma “crise de ação simbólica”. O indivíduo carrega a responsabilidade de dar sentido ao seu universo”.

Refletindo sobre esse ressignificar, sobre dar sentido ao seu universo Bosi (1992) também nos alerta sobre a massificação da cultura que influencia na perda dos momentos de ressignificação de modo que “a cultura de massa entra na casa do caboclo e do trabalhador da periferia, ocupando-lhe as horas de lazer em que poderia desenvolver alguma forma criativa de auto-expressão” (p. 328).

A expressão na contação de histórias para os idosos poderá desenvolver momentos que “na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar dessas épocas” (FREIRE, 1999, p. 51). Ou seja, a partir do momento que o indivíduo relembra sua época ele a recria, revive e ressignifica. A forma de demonstrar essas épocas, momentos vividos e práticas culturais é por meio da contação de histórias.

Dessa forma, esses momentos relacionados à contação de histórias podem ser considerados como irrompimento de novas possibilidades de ressignificação do mundo do contador. Nesse sentido, Amarilha (1999) diz, “contar histórias é abrir a janela para o mundo”. Pensamos que a partir de momentos de contação de histórias entre idosos eles poderão abrir suas janelas. Essa abertura também é uma forma crítica e reflexiva de integrar-se ao mundo, revivendo “temas e tarefas de suas épocas”,

“por isso, desde já, saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época” (FREIRE, 1999, p. 52).

Os idosos trazem consigo diversos conhecimentos, histórias e vivências que muitas vezes ficam adormecidos. Existem múltiplas formas de opressão sofridas por eles, sendo que uma delas é a de, por vezes, não poderem falar, contar e compartilhar suas experiências. Justamente, porque como aponta Beauvoir (1970) “a sociedade determina o lugar e o papel do velho”.

A forma como vivemos em sociedade e do papel que ocupa o idoso – ou que outrora ocupou – podemos perceber que, até o momento da nossa inserção na Associação de Idosos, não havia uma prática de contação de histórias. Chauí assinala que,

a função social do velho é lembrar e aconselhar – memini, moneo – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade capitalista

impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. Sociedade que, diria Espinosa, “não merece o nome de Cidade, mas o de servidão e barbárie”, a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa (CHAUÍ, 1994, p.18).

A partir desse entendimento, a investigação tem procurado problematizar a contação de histórias como possibilidade de ressignificar as leituras de mundo dos idosos ao mesmo tempo em que procuramos pensar sobre o seu lugar na atual conformação da vida em sociedade. Exatamente por isso, momentos de contação de histórias se fazem presentes na pesquisa. Justamente para que o participante da pesquisa ouça e em seguida conte também uma história.

As histórias contadas carregam consigo a memória e conseqüentemente as tradições e resultam na construção de uma narrativa que são carregadas de valores históricos, culturais e sociais. Os idosos estarão narrando os seus valores históricos, culturais e sociais, por meio da memória, ou seja, estarão se “integrando ao seu contexto, resultante de estar não apenas nele, mas com ele” (FREIRE, 1999, p.50). Essa integração poderá resultar em momentos críticos-reflexivos sobre a sua vivência, a ponto de transformá-la, reinventá-la por meio da contação de histórias.

A ‘integração’ ou re-integração por meio dos momentos de contação de histórias nesse contexto é entendida não somente em sua interface interpessoal, entre os sujeitos, mas, sobre sua interface intrapessoal; será um ‘enraizado’ de momentos, situando-os, datando-os e ressignificando-os.

O ‘enraizado’ de momentos é possível, porque as histórias contadas carregam consigo a memória e conseqüentemente as tradições e resultam na construção de uma narrativa. Deste modo essas narrativas carregam em seu bojo os valores sociais de determinada sociedade assim como evidencia Turner (1992, p. 86, 87 apud HARTMANN, 2000, p. 107): “a narrativa seria o instrumento para comprometer os valores e objetivos, que motivam a conduta humana, especialmente quando homens e mulheres tornam-se atores no drama social”.

Esses “atores do drama social”, que em suma agem como narradores carregam consigo as memórias da experiência, histórias de vida principalmente quando tratamos do narrador-idoso,

O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador (Bosi, 1994, p. 91).

A partir de narrativas dos idosos encontraremos um possível encadeamento de ações sociais (CAVALCANTI, 2007). O drama social por meio da narrativa, da contação de histórias nos revelará ações sócio-histórico-culturais vividas. O que “representa uma complexa interação entre padrões normativos estabelecidos no curso de regularidades profundas de condicionamento e da experiência social e as aspirações imediatas, ambições ou outros objetivos e lutas conscientes de grupos ou indivíduos no aqui e no agora” (TURNER, 1996, p. XXI e XXII).

As experiências sociais são temas para as histórias contadas pela pesquisadora contadora de histórias. Essas histórias contadas são consideradas temas geradores de outras histórias, que sempre é em torno de uma vivência dos causos populares, da literatura regional ou da própria vivência. O diálogo se abre e o grupo participante poderá contar a sua história, pois quem “dialoga, dialoga com alguém sobre alguma coisa” (FREIRE, 1996, p.116).

No círculo de “cultura de contação de histórias” “essa alguma coisa” mencionada por Freire (1996) são as histórias contadas, que além dinamizar o diálogo, os idosos vivem momentos reflexivos sobre seus conhecimentos e práticas culturais. Esses momentos de diálogos poderão levar ao final deste processo, à ressignificação de leitura de mundo, como aponta Freire (1981) que “o círculo de cultura é o lugar onde trava a relação do ser humano mediado pelas suas relações “homens-mundo”” (p.5).

Essas relações “homens-mundo” são carregadas de práticas culturais, por meio do diálogo, das histórias e da memória. Juntando esses elementos diálogo sobre práticas culturais, histórias e memórias analisaremos a construção de uma narrativa.

O projeto intenta refletir a forma como uma memória é demonstrada, recriada e ressignificada por intermédio das performances das narrativas dos contadores de histórias na Associação, e assim ressignificar suas leituras de mundo, pois Schechner (2006) diz que “performances marcam identidades, dobram o tempo, remodulam e adornam o corpo, e contam estórias”.

Essas identidades, formas e sentidos são determinantes para a que a contação de histórias seja narrada pelo participante do círculo de cultura. Os participantes contadores de história, criadores de cultura (FREIRE, 1996) apresentam o que Benjamim (1983) diz que “o narrador colhe o que narra na experiência própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência própria dos que ouvem sua história”.

## **6- Eu conto – eles contam: círculo de cultura de contação de histórias**

No trabalho desenvolvido junto à associação, cada “círculo de cultura de contação de histórias” inicia com uma contação realizada pela educadora-educanda contadora de histórias. A história contada é o tema gerador de outras histórias. Isso se dá a partir de histórias que giram em torno da vivência e de causos populares, da literatura regional ou das experiências dos próprios sujeitos. O diálogo se abre e o grupo participante pode contar as suas histórias, pois quem “dialoga, dialoga com alguém sobre alguma coisa” (FREIRE, 1996, p.116).

Por isso, a investigação-ação se faz presente para auxiliar na interpretação da “própria prática por meio de situações reais concretas” (GRABAUSKA e BASTOS, 1998). Nesse sentido, a investigação-ação não trata da prática pela prática, como mero ativismo. Mas,

“lembremos que a observação e a reflexão conjunta das ações desenvolvidas são um importante ponto da investigação-ação que, em suma, se dá no agir e no refletir, que educadoras(es) e educandas(os) podem promover junto às práticas educativas” (CORTE REAL, 2006, p. 211).

Nosso grande desafio na vivência dos círculos de cultura de contação de história tem sido o de valorizar a presença, a participação e, especialmente, as próprias vozes e os protagonismos dos idosos como narradores. Até porque como opção político-pedagógica nos apoiamos no entendimento que:

Ao explicar ‘o que está acontecendo’, a investigação-ação conta uma ‘história’ sobre o evento, relacionando-o ao contexto de contingências mutuamente interdependentes, isto é, eventos os quais ‘andam juntos’, porque eles dependem uns dos outros para ocorrerem (ELLIOT, 1978, p.2 apud CORTE REAL, 2006, p.226).

Preliminarmente, podemos verificar que, embora no início do trabalho, as participações dos idosos fossem tímidas, ao longo do seu desenvolvimento, na medida em que vimos estabelecendo uma relação de maior reciprocidade, as participações tornaram-se mais intensas; nos permitindo pensar e agir juntos sobre até que ponto conseguimos ampliar e quem sabe ressignificar as nossas leituras em comum sobre o mundo que nos desafia.

O momento de círculo de cultura de contação de histórias transcrito a seguir mostra que a contação inicial, realizada pela educadora-educanda contadora de histórias, gerou outras histórias. Encontrávamos ainda no início da retomada dos trabalhos do ano de 2015 e estávamos na associação de idosos, por volta das 10:30 de uma manhã, terça-feira do mês de fevereiro. Éramos 10 pessoas presentes no círculo de cultura. No relato a seguir, é possível percebermos que, como parte da nossa metodologia de trabalho, a educadora-contadora de histórias contou uma história como forma de provocação inicial<sup>2</sup>:

Bom dia! Estamos no “círculo de cultura de contação de histórias”, sejam todos bem-vindos. Hoje começarei com uma história e depois vocês, se quiserem, poderão contar também as suas histórias. Lembro que as histórias podem ser acontecidas, vivenciadas ou histórias que alguém contou para vocês (Diário de campo de LEITE, 2015).

Ao longo do nosso trabalho na associação, temos procurado dar atenção a este primeiro momento, como sendo de acolhimento, no sentido de deixar os participantes à vontade; para que também realizem suas contações de histórias, sem que necessariamente tenham que se ater a histórias que lhes foram contadas ou tenham acontecido e precisem reproduzi-las. Ou seja, nossa preocupação não está com modelos ou ideais de histórias prontas e acabadas; mas, sim com a valorização do ato de contar suas próprias histórias.

Neste sentido, na continuidade do relato da referida atividade, no círculo de cultura, apresentamos a história contada no momento inicial daquela manhã:

Era uma vez...um lugar onde as pessoas pediam pouso de uma noite. Nesse lugar havia umas tantas práticas que se cumpriam religiosamente... **Ô de Casa!**

Acontecia à noite, alta noite com chuva, frio ou lua clara,

---

<sup>2</sup> Parte do texto apresentado no EDIPE (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino): CORTE REAL; PEREIRA; LEITE. Investigação-ação das performances culturais: o método expositivo como problematização da formação de educadores, Goiânia, 2015.

passantes com cargueiros e família darem: "Ô, de casa..."  
Meu avô era o primeiro a levantar, abrir a janela:  
"Ô de fora... Tome chegada."  
O chefe do comboio se adiantava:  
"De passagem para o comércio levando cargas, a patroa perrengue,  
mofina, pedia um encosto até "demanhã".  
Mais, um fecho para os "alimais".  
Meu avô abria a porta, franqueava a casa.  
Tia Nhá-Bá, de candeia na mão, procurava a cozinha,  
acompanhada de Ricarda sonolenta. Avivar o fogo, fazer café, a praxe,  
Aquecer o leite. Meu avô ouvia as informações. Não especulava.  
Oferecia acomodação, no dentro, quarto de hóspedes.  
Quase sempre agradeciam. Se arrumavam ali mesmo no vasto alpendre  
[coberto  
Descarregavam as mulas, encostavam a carga.  
Tia Nhá-Bá comparecia, oferecia bacião de banho à dona, e aos  
[meninos,  
quitandas.  
Aceitavam ou não. Queriam, só mais, aquele encosto,  
estendiam os couros, baixeiros, arreatas, se encostavam....  
Despediam-se em gratidão e repouso.  
Era assim no antigamente, naqueles velhos reinos de Goiás.<sup>3</sup>  
(Diário decampo de LEITE, 2015).

Com o término da contação desta história, como dissemos, realizada pela educadora-contadora, a mesma procurou valorizar a participação dos idosos por meio das suas contações de histórias. Neste momento, uma primeira participante levantou a mão e pediu para contar uma história, pois, segundo ela, na história que a educadora havia contado, não aparecia a palavra "abancá", que significa abancar (no sentido de adentrar a casa, de sentar e de ficar à vontade), presente na história que contaria e que a seguir relatamos:

---

<sup>3</sup> In: CORALINA, Cora. Vintém de cobre: meias confissões de Aninha. 3. ed. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1985.

Eu tenho uma coisa para contar. Lá na casa dos meus pais na fazenda, quando chegavam os viajantes, o meu pai recebia eles de forma muito parecida com o que você contou. Só que era assim:

Viajante: ô de casa?

Meu pai respondia: ô de fora, Tome chegada, se desapeia, vamo abancá.

Viajante: descia do cavalo e abancava, ou seja, ele entrava casa adentro (Participante 1, diário de campo de LEITE, 2015).

Ao término da história, a educadora-contadora procurou valorizá-la, pedindo aos demais idosos que reconhecessem a participação da colega:

Hoje ouvimos uma forma de cumprimento, de como chamar o visitante para adentrar a casa. Uma salva de palmas para essa história.

(Diário de campo de LEITE, 2015).

Ainda nesta manhã, uma participante idosa relatou a história dos revoltosos. Segundo seu depoimento, eram grupos que invadiam as fazendas e outras propriedades rurais, saqueando, com algazarras e não raros atos violentos; os quais, ao contar a história, ela deixou claro que seu avô temia, principalmente pelas mulheres da casa. Ela lembrou que, após comerem a comida que havia pronta sobre o fogão, os revoltos jogaram no chão os sacos contendo provisões de farinha, arroz e feijão.

Esta última história gerou uma discussão entre os participantes do círculo de cultura de contação de histórias sobre o que consideraram a maldade dos revoltosos e a impotência daquela família diante disso. Ao mesmo tempo, podemos perceber que a figura do avô da educanda que narrou a história pode ter sido o elo com as histórias anteriores; mas, esta história estabeleceu um contraponto em relação à receptividade, representada, por exemplo, pelo “ô de casa” das duas primeiras histórias face à situação de perigo e temor vividos na presença dos revoltosos.

Neste sentido, o percurso que temos vivido em nossa pesquisa, na perspectiva de analisar a investigação-ação. Sendo que nos desafiamos a investigar as próprias práticas, demonstra, no caso particular do trabalho junto à comunidade de idosos, a relação entre educação e participação; bem como entre as performances culturais e os significados vividos pelas pessoas nos seus contextos e grupos. As performances culturais são aqui entendidas como

“um campo complexo e dinâmico de investigação, que permite abarcar objetos de estudo das ciências sociais e humanas, das artes, das práticas culturais, das festas e dos rituais dos diferentes grupos sociais. Como abordagem teórico-metodológica, podem focalizar os processos de produção

de sentidos e de sociabilidade, vividos pelos grupos na organização e implementação das suas práticas. Portanto, faz sentido investigar os pensamentos, as ideias, os interesses de determinados grupos e a forma como estes alimentam as ações presentes nas festas, nas práticas culturais, nos rituais, nas manifestações políticas e artísticas, enfim, nos diferentes fazeres em que os seus dramas sociais se manifestam (CORTE REAL et al, 2015, p.2).

Dessa forma, a relação entre educação e participação, trabalhada por Paulo Freire (1999), está presente no nosso trabalho na comunidade, na medida em que temos nos desafiado e desafiado aos idosos a reativarem as memórias que podem ser evocadas por suas histórias. Por outro, lado este tem sido um rico espaço empírico de tematização dos estudos das performances culturais. Pois, este estudo dá atenção àquilo que há de mais singular na constituição dos grupos sociais e suas vivências culturais.

Os momentos de contação de histórias serão a base da análise do desenvolvimento da performance narrativa e a memória refletida a partir da história. Usaremos a filmagem e fotografias que propiciarão reflexões sobre o desenvolvimento performático do contador.

Neste estudo a análise da filmagem é concebida como um procedimento de pesquisa capaz de registrar informações em detalhes, possibilitando apreender melhor algumas nuances da complexidade da interação humana. Este exame será feito a partir de estudos de Loizos (2010).

Refletindo sobre a interação com os idosos, as *observações* sobre o desenvolvimento da rotina na Associação são importantes, com a finalidade de conhecer quais são as atividades que os idosos desenvolvem. Segundo André (2003) a observação é uma estratégia que possibilita focalizar as formas de interação e comunicação que permeiam o cotidiano dos sujeitos, sendo relevante nos processos investigativos qualitativos. Ao longo das observações deve ser realizado um registro sistemático de todas as situações observadas, com a organização de um *diário de campo* que represente, no processo de construção de indicadores, uma fonte de ideias e de informações ao pesquisador (VIANA, 2007).

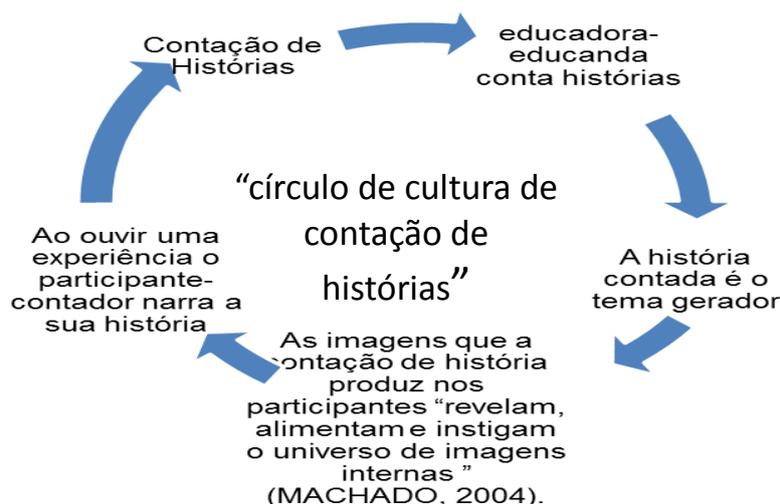
O trabalho com o diário de campo neste estudo envolverá a princípio a transcrição das informações no formato escrito, visando organizar o material empírico para os procedimentos de análise e interpretação. O primeiro momento de observação reflexiva será de como os idosos desenvolvem suas atividades na

Associação, com base também nas reflexões de Manilowski (1975) “observar significa selecionar, classificar, isolar com base na teoria. Elaborar uma teoria é resumir a relevância de observações passadas e prever a confirmação ou refutação empírica dos problemas teóricos apresentados.”

As análises buscarão os significados atribuídos pelos idosos às dimensões da importância de seus conhecimentos culturais, históricos e sociais; as dimensões no processo formativo que caracterizam as experiências dos momentos vividos por cada um, com a intenção de conhecer como foi o seu convívio com histórias, quem contava histórias e se ele conta histórias para o seu núcleo familiar.

O foco das análises será principalmente nos momentos das contações de histórias. Dessa forma investigaremos as possibilidades de ressignificação de leituras mundo dos idosos por meio da contação de histórias. Percebemos que muitos se sentem desafiados. Nesse desafio ao narrar uma história sua memória é reativada com experiências e práticas culturais vivenciadas, como aponta Bosi (2004) “o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam” (p.85). O idoso nesse momento se transforma em narrador, o contar histórias “possibilita um contato com constelações de imagens que revela para quem escuta...a infinita variedade de imagens internas que temos dentro de nós como configurações de experiência”( MACHADO, 2004, p. 27).

A partir dos temas outras histórias surgem por meio da contação. Assim, verificamos que o ato de contar da educadora-educanda contadora de histórias geram outras histórias. Essas histórias são contadas pelos idosos, que ao ouvir - imagens surgem e instigam o universo interno dos participantes. Ao ouvir um narrador-idoso outro também se dispõem a contar, como está no esquema abaixo. Dessa forma, o círculo de cultura de contação de histórias tem acontecido e nos mostrou que “a arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana” (BOSI, 2004, p.90).



## 7- Atividades / Cronograma de execução

Período	Atividades desenvolvidas
Fevereiro a Julho de 2015	Levantamento bibliográfico, participação nas disciplinas. Primeiro contato com a Associação de Idosos do Brasil e observação das atividades realizadas pelos idosos.
Agosto a Dezembro de 2015	Levantamento bibliográfico, participação nas disciplinas / Desenvolvimento do círculo de cultura de contação de histórias. Apresentações em congressos e seminários
Janeiro de 2016	Análise das observações feitas, diário de campo e dos momentos iniciados de contação de histórias, por meio também da filmagem e fotografia. Curso de verão sobre: Envelhecimento e políticas públicas na USP-São Paulo
Fevereiro a agosto de 2016	Participação nas disciplinas / continuação dos momentos de contação

	de histórias. Análise dos materiais colhidos, do diário de campo, entrevista, momentos de contação e escrita da dissertação.
Setembro de 2016	Qualificação
Setembro a Dezembro de 2016	Análise dos materiais colhidos, do diário de campo, entrevista, momentos de contação e escrita da dissertação.
Janeiro e fevereiro de 2017	Termino das análises e da escrita da dissertação.
Março de 2017	Defesa da dissertação

## 8- Referências bibliográficas

AMARILHA, M. **Educação e leitura**. Natal, EDUFRN, 1999.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 11. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8<sup>o</sup> ED.revista - São Paulo: Brasiliense, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 18. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANCO, A. U.; ROCHA, R. F. **A questão da metodologia na investigação científica do desenvolvimento humano.** Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília, DF, v.14, n.7, p.251-258, 1998.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Drama Social: notas sobre um tema de Victor Turner.** In Cadernos de Campo, São Paulo, n. 16, p. 01-304, 2007.

CORTE REAL, M.P. **Círculos de cultura na investigação temática de músicas negras: organizando as práticas educativas.** 2001. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação), Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria.

\_\_\_\_\_. **As musicalidades das rodas de capoeira(s): diálogos interculturais, campo e atuação de educadores.** 2006. 346f. Tese (Doutorado em Educação), PPGE/CCE/UFSC. Florianópolis, 2006.

CORTE REAL, M. P.; PEREIRA A. J.; LEITE J.D. **Investigação-ação das performances culturais: o método expositivo como problematização da formação de educadores.** EDIPE Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Goiânia, 2015.

CORTE REAL, M. P.; LEITE, J.D. **Contaçon de histórias como ressignificação de leituras de mundo.** In: Anais do xxii simpósio de estudos e pesquisas da faculdade de educação Ciencia e Formação: Utopias e Desencantos. ST 01 - Leitura e literatura como produção de sentido: caminhos da linguagem. Goiânia, 2015, p. 64-73. Disponível em: <https://eventos.fe.ufg.br/up/248/o/AnaisSimposio2015veR13.pdf>

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Os trabalhos da memória.** In: BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DAWSEY, John Cowart. **Victor Turner e a Antropologia da Experiência.** In: Cadernos de Campo, no. 13, 2005, pg. 163-176.

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do teatro: provocações e Dialogismo**. São Paulo: Editora Hucitec: edições Mandacaru, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores associados: Cortez. 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GASKELL, G. **Entrevistas individuais e grupais**. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Trad. P.A. Guareschi. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 64-89.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 8ª edição, 1999.

GRABAUSKA, C. DE BASTOS, F. **investigação-ação educacional: possibilidades críticas e emancipatórias na prática educativa**. In: HEURESIS, Vol. 1, nº2, 1998.

HARTMANN, Luciana. **Oralidades, Corpos, Memórias – performances de contadores e contadoras “causos” da Campanha do Rio Grande do Sul**. Dissertação em mestrado em Antropologia Social, UFSC, 2000.

\_\_\_\_\_. **“Aqui nessa fronteira onde tu vê beira de linha tu vai ver cuento...” Tradições orais na fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai**. Tese de doutorado em Antropologia Social, UFSC, 2004.

LOIZOS, P. **Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa**. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Trad. P.A. Guareschi. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p.137-155.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da cultura**. RJ Zahar, 1975, p. 21.

MACHADO, Regina. **Acordais – fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004.

MATOS, Gislayne. A. **A Palavra do Contador de Histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SCHECHNER, Richard - **Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral**. In: Cadernos de Campo nº 20, 2011, p. 213-236.

\_\_\_\_\_. **“O que é performance?”**, em Performance studies: an introduction, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51.

VIANNA, H. M. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

TURNER, Victor. From **Ritual to Theatre - the Human Seriousness of Play**. New York, P. A. J. Publications, 1992. In: HARTMANN, Luciana. Oralidades, Corpos, Memórias – performances de contadores e contadoras “causos” da Campanha do Rio Grande do Sul. Dissertação em mestrado em Antropologia Social, UFSC, 2000, p. 107.

\_\_\_\_\_. **O processo ritual – estrutura e antiestrutura**. 2.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.